REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 329

11 DE FEVEREIRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

O inaudito attentado, commettido em Lisboa, contra o sr. Pinheiro Chagas, tão inaudito no nosso paiz, quanto violento, obrigou o nosso querido amigo e director litterario do OCCIDENTE, sr. Gervasio Lobato, a não poder fazer a tempo a brilhante chronica, que ha oito annos apparece regularmente n'esta folha.

As razões que expõe na carta, que teve a amabilidade de nos dirigir e que em seguida publicamos, são mais que sufficientes para que os nossos leitores o absolvam d'esta falta involuntaria, falta que a final não chega a dar-se, porque a carta que se vae lêr refere-se ao monstruoso attentado que n'este momento é o acontecimento mais importante que chama as attenções do publico, e que a todos impressionou amarguradamente.

C. Alberto.

Meu caro Alberto

O homem põe e Deus dispõe; é velho como o tempo este proverbio, mas é tão verdadeiro quanto idoso.

No domingo á noite, durante a nossa partida de sólo, emquanto vossê solava em espadas e o Accacio Antunes lhe preferia em ouros, combinámos o mandar-lhe a minha chronica na quarta feira.

Vossê queria-a na terça feira, para não atrazar o numero do OCCIDENTE e não o obrigar a entrar pelos dias de carnaval; eu, porém, tinha o meu tempo todo tomado na segunda feira e na terça de dia, e por isso pedi-lhe um addiamento de vinte e quatro horas.

— Então, na quarta feira á uma hora da tarde dá-me a chronica toda?

— Dou.

— Sem falta? repetiu-me vossê á despedida.

— Sem falta, respondi eu com toda a convicção.

E ficámos n'isto.

E hoje é quarta feira, a uma hora está a cahir e eu não tenho uma linha da chronica feita, e o que é peior não tenho nem tempo nem cabeça para a fazer.

Naturalmente vossê já sabe a grande desgraça que acaba de ferir-se na pessoa d'um dos meus amigos mais intimos, d'aquelle que é para mim ha muitos annos um companheiro querido de trabalho, quasi que um irmão estremecido, de quem todas as alegrias me alegram, de quem todas as tristezas me pungem como se proprias fossem, do attentado monstruoso e inexplicavel de que foi victima Pinheiro Chagas, e cuja noticia hontem á noite assombrou e indignou toda a cidade, que a estas horas assombra e indigna todo o paiz.

Hontem eu fui dos ultimos a sabel-o, e vossê comprehende bem, vossê que sabe a amizade intima que me une a Pinheiro Chagas, a impressão dolorosissima que me causou essa extranha e inexperada noticia.

Ás quatro horas e meia da tarde estivera com o Chagas na rua do Ouro, e deixára-o á esquina da travessa de Santa Justa a conversar com o Consiglieri Pedroso, o dr. Bettencourt Rodrigues, o Jayme Victor e o Everard.

— Vossê não vem para casa? dissera-me elle. Eu vou metter-me no americano da Patriarchal para ir á camara, venha d'ahi.

— Não posso, tenho ainda que dar umas voltas na baixa.

E separámo-nos.

Vim para casa, jantei, á sobremeza appareceu-me o Leopoldo de Carvalho, estivemos conversando ácerca de cousas de theatro, e ás sete horas sahi com elle.

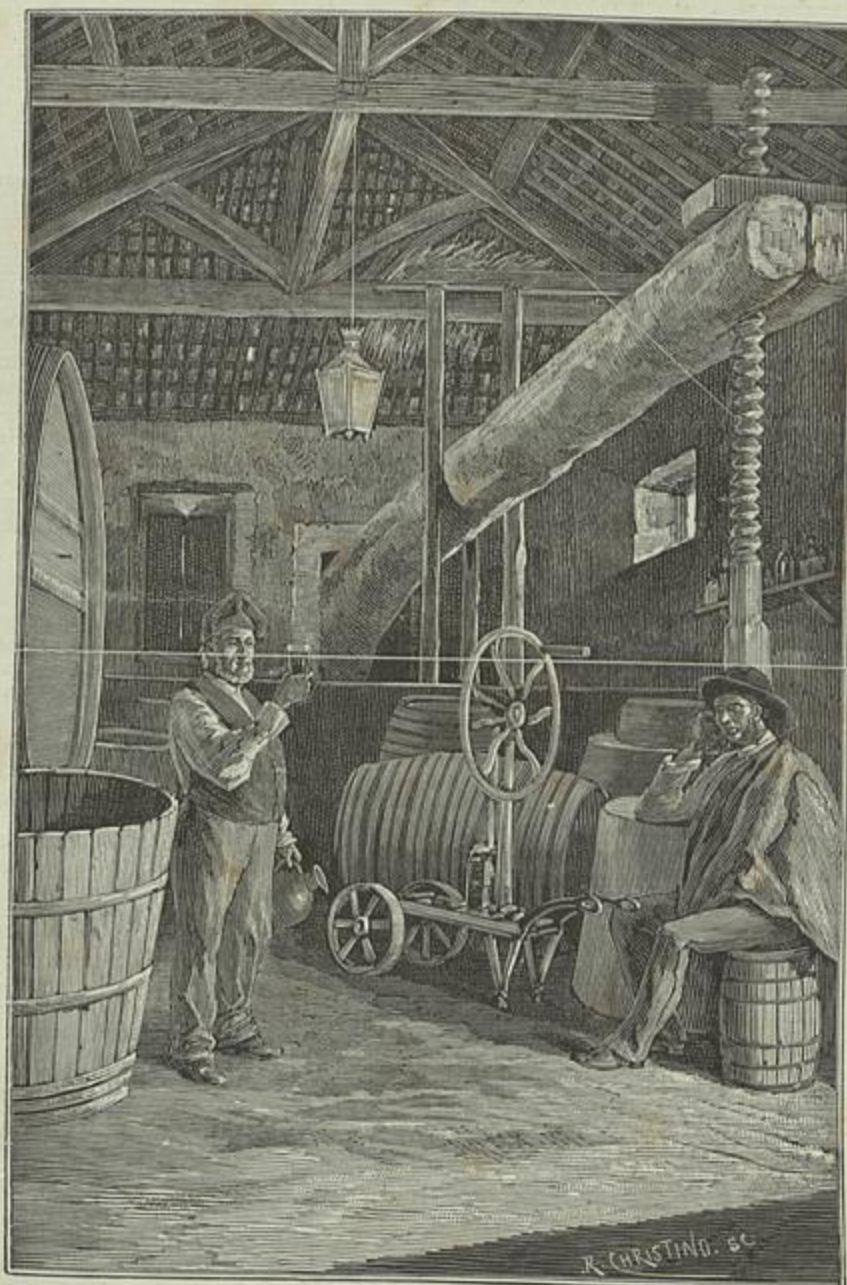
Tinha combinado com Augusto Machado ir depois de jantar a casa d'elle com o Accacio Antunes, para procurarmos umas musicas para uns *couplets* da magica que estamos fazendo para o theatro da Avenida.

Sahi com o Leopoldo, subimos os Paulistas, o Leopoldo seguiu para o Gymnasio, e eu voltei ás Chagas e fui para casa do Machado.

O Accacio Antunes já lá estava; fizemos o que tinhamos a fazer, ouvimos os dois primeiros quadros da opera nova que o Machado está escrevendo, dois quadros magistraes que denunciam uma obra prima, e depois estivemos cavaqueando largamente.

O libretista italiano de Augusto Machado, o seu libretista dos *Dorias*, escrevera-lhe n'esse dia, dizendo-lhe que não tinha ainda encontrado solução para o poema da nova opera, de que lhe mandára já o primeiro acto — o tal que tinhamos ouvido, e que desistia de procurar mais, esperando que o accaso se dignasse inspiral-o quando muito bem quizesse, e que entretanto lhe mandaria em breve uma porção de *scenarios* novos para elle escolher.

Esta carta contrariára

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO «GRUPO DO LEÃO»

VINHO NOVO — QUADRO DE J. R. CHRISTINO DA SILVA

(Adquirido pelo sr. João Carlos de Azevedo — Desenho do mesmo auctor)

muito Augusto Machado, que tinha já muito trabalho feito, e sob uma orientação musical nova e profundamente artistica.

E então estivemos conversando a respeito de *librettos*.

Augusto Machado tem muita vontade de fazer uma opera do *Auto de Gil Vicente*, de Garrett, transformado em *libretto* com as modificações necessarias para drama lyrico.

—Mas o scenario d'esse *libretto* não póde deixar de ser feito por um portuguez, disse elle, por um escriptor que conheça a fundo a epocha de D. Manuel, e que ao mesmo tempo seja um mestre em theatro.

O primeiro nome que se impunha logo, era naturalmente o de Pinheiro Chagas.

—O Chagas tem tanto que fazer, que não póde de fórma alguma encarregar-se d'isso, ponderou desanimadamente o Machado.

—Mas falla-lhe sempre.

—Elle diz-me que *sim*, mas eu depois não tenho coragem de andar a apoquental-o por toda a parte.

—Olha, eu naturalmente ainda estou com elle hoje, vou d'aqui para o *Correio da Manhã*, porque hoje estou de serviço, é provavel que elle appareça por lá e fallo-lhe n'isso.

Ás dez horas sahimos todos; no largo do Loreto separámo-nos; o Machado foi para S. Carlos assistir a um pedaço do ensaio da *D. Branca*, o Accacio foi para a *Gazeta de Portugal*, e eu fui a casa do Thomaz de Carvalho, cujo estado gravissimo soubera de dia, no ministerio do reino.

O dr. May Figueira sahira poucos momentos antes de eu entrar, e achára o doente um quasi nada melhor.

A pneumonia dupla estava francamente declarada, o estado de Thomaz de Carvalho era grave, mas não desesperado como tinha corrido, e sahi de lá um pouco mais socegado.

Encaminhei-me para o *Correio da Manhã*, e ao pé do ministerio dos Estrangeiros encontrei o Brito Aranha.

Fallei-lhe.

Pareceu-me cabisbaixo e tristonho.

—Como está o Eduardo?

—Está melhor. E o que ha do Chagas?

—O Chagas está bom, respondi eu muito despreoccupado.

—Está bom? Então não sabes nada? Está muito mal.

—Não, isso é o Thomaz de Carvalho, tornei eu, imaginando haver equivoco nas noticias, e está um pouco melhor.

—Então não sabes nada? repetiu elle.

—Nada de quê?

—O Chagas está em perigo de vida.

—O Chagas?

—Sim, foi atacado por um homem á porta da camara, que o deixou como morto.

—Isso não póde ser, respondi eu ainda incredulo, isso é engano, eu estive com elle ás cinco horas na rua do Ouro.

—Pois foi depois d'isso; ia a entrar para a camara, um homem que não se sabe bem ainda quem é, vibrou-lhe uma pancada com uma bengalla de ferro a uma fonte e o Chagas foi levado n'um trem, sem sentidos para casa, está ainda delirante, tem deitado muito sangue pela bocca e pelo nariz, e os medicos receiam muito d'elle.

Eu fiquei como que fulminado.

Não respondi nada, nem me despedi do Brito Aranha, e a cambalear como um bebado, dirigi-me para o *Correio da Manhã*, querendo ainda duvidar da noticia, parecendo-me tudo aquillo um sonho.

Á porta do *Correio da Manhã* encontrei Ramalho Ortigão, José de Figueiredo e Gouveia Pinto que estavam fallando no tristissimo caso.

Infelizmente a noticia era de todo o ponto verdadeira. Chagas fôra gravemente ferido e o seu estado era perigosissimo.

Lá em cima a redacção do *Correio da Manhã* estava cheia de gente, gente de todas as classes, collegas, amigos, desconhecidos que corriam a informar-se do que havia, a saber noticias do monstruoso attentado.

E então comecei a comprehender, a ligar umas palavras soltas que, quando eu não sabia nada e vinha de casa do Thomaz de Carvalho para o jornal, tinha ouvido em varios grupos ás portas das lojas, e a que não ligára importancia alguma.

Que lhe direi meu caro Alberto?

Ao principio estive a ouvir tudo que diziam uns e outros, os commentarios indignados que se faziam, as varias versões que corriam, sem perceber nada, como que *hebêté*.

De casa de Pinheiro Chagas chegavam a todo o momento noticias e eram todas ellas gravissimas e desanimadoras.

A respeito do crime havia todos os pormenores, mas faltava saber qual fôra o seu movel, o que fôra que armára o braço do criminoso contra Pinheiro Chagas, o que o levára a tentar contra a vida d'esse homem extraordinario, d'esse trabalhador excepcional d'esse grande e honrado homem, cujo talento enorme é a maior gloria nacional contemporanea, cujo trabalho herculeo é o unico sustento d'uma numerosa familia extremosissima, que o adora como o melhor e mais santo dos homens.

Sabia-se o nome do criminoso, sabia-se a sua morada, era necessario conhecer os seus antecedentes, conhecer a sua historia, para, por ventura se chegar á explicação d'esse crime, d'esse crime a que a corrente geral da opinião publica dava estranha e grave explicação.

Quando comecei a recuperar um pouco o sangue frio, sahi á procura d'informações.

Ás onze e meia horas da noite batia eu á porta da casa do prior de S. José, que muito admirado de me ver em sua casa áquellas horas, mais admirado ficou ainda a saber o motivo que ali me levava.

Não conhecia nem de nome sequer o criminoso: não sabia quem era nem n'elle ouvira fallar.

O dr. Lima, que eu procurei tambem, e que é o medico do sitio, onde tem salvo muita gente com a sua notavel sciencia, com a sua cuidosa dedicação, que conhece por assim dizer todos os bairristas de S. José, tambem não conhecia o Manuel Joaquim Pinto.

Fui a casa do regedor, o Guedes da mercearia, a mesma completa igorancia ácerca do aggressor de Pinheiro Chagas. Procuramos no recenseamento, e o nome de Manuel Joaquim Pinto não estava lá.

Quando andava n'estas indagações encontrei o visconde do Rio Sado, que não sabia ainda do attentado, e que me acompanhou nas minhas pesquizas.

Fômos então com o regedor á rua do Carreão e ahi soubemos pelo guarda nocturno, o Porphirio, que morava ali o criminoso, mas morava ha pouco tempo, ha 20 dias se tanto e d'elle nada se sabia.

Voltei para o jornal pouco mais adiantado que d'elle sahira e tendo apenas a explicar o crime o motivo que o criminoso dava do desforço d'umas palavras que Pinheiro Chagas escrevera no *Reporter* contra Luiza Michel, no dia 25 de janeiro, isto é ha treze dias!

A redacção estava ainda cheia de gente, e só perto das duas horas da madrugada é que começou a affrouxar a affluencia de pessoas a saberem noticias de Pinheiro Chagas—noticias das quaes as ultimas eram um bocadinho mais animadoras, pois o doente começou a dormir tranquillo, o que era um bom symptoma.

Só ás duas horas é que podemos principiar a trabalhar para o jornal; o Urbano de Castro fez o artigo Pinheiro Chagas, o Zacharias d'Aça o resto do jornal, que havia ainda por fazer, e eu a parte propriamente narrativa do crime a entrada do Chagas para o americano no Rocio com o Jayme Victor, juntamente com o criminoso, que o seguiu até ao mercado de S. Bento; que se apeiou ahi quando Chagas se apeiou, que subiu atraz d'elle a rampa que vae ao largo das Côrtes, e que ahi a meio da rampa lhe vibrou sem lhe dizer nada, uma bengalada á fonte esquerda, que o prostrou logo por terra desmaiado.

Como o aggressor era mais baixo que Chagas, a pancada foi dada obliquamente. A bengala era de ferro e a pancada ferindo-o na face e na fonte foi vibrar violentamente sobre o rochedo do craneo.

O criminoso fugiu logo, sendo preso n'uma tenda na Travessa da Arrochella onde se recolhera. Chagas entretanto era erguido do chão pelo dr. Rodrigues Pinto que passava n'esse momento, um medico muito distincto, que tratou o sr. conselheiro José Luciano na sua grave doença, e Fernando Caldeira da pneumonia que teve ha dois annos e que já tratou d'um filho de Pinheiro Chagas, de quem é visinho.

Chagas foi conduzido por elle a casa n'um trem.

Pelo caminho voltou a si e perguntou onde estava. O dr. Pinto não lhe disse nada ácerca da aggressão, e disse-lhe apenas que Chagas cahira na escada da camara em virtude d'uma vertigem estomacal.

Pelo caminho o Chagas deitou sangue pela bocca e pelo nariz e estava muito anceiado.

Apenas chegou a casa foi recolhido á cama, onde o dr. Pinto lhe fez os primeiros curativos, chegando d'ali a nada os drs. Lima, Oliveira Maia e Cunha Belem, que lhe fizeram uma conferencia.

O estado foi considerado gravissimo, receiando-se fractura do craneo.

Eram cinco horas da manhã, meu caro Alberto, quando eu cheguei a casa, mais morto que vivo, pelas commoções violentas que recebi n'essa noite, que nunca mais me esquecerá.

Tinha-lhe promettido principiar a chronica hontem á noite e acabal-a de manhã.

Principial-a hontem foi-me impossivel; fazel-a hoje impossivel me é porque parto já para casa de Pinheiro Chagas, e ainda poude escrever-lhe esta immensa carta, primeiro, porque as noticias que tive apenas accordei, do estado de Pinheiro Chagas são mais tranquillisadoras, as melhoras manteem-se, e a suspeita terrivel de fractura do craneo, começa a desapparecer, segundo, porque só agora é que chegou o trem que mandei buscar para ir a Santa Izabel, e que foi impossivel d'encontrar nas cocheiras aqui proximas, por estarem todos os trens tomados para o casamento da filha da marqueza de Castello Melhor.

Vossê dirá, e com razão, que no tempo em que lhe escrevi esta longa carta podia ter feito uma chronica: mas em primeiro lugar querendo começar a escrever-lhe não sabia que a penna me correria tanto tempo sobre o papel, e que o trem se demoraria tanto, segundo, porque é muito differente escrever uma carta explicando a falta d'um compromisso, de que escrever uma chronica compondo-a:

Desculpe pela falta e lamente pelos motivos.

8 de fevereiro.

o seu velho amigo e collega

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

7.ª EXPOSIÇÃO DE QUADROS DO GRUPO DO LEÃO

VINHO NOVO

QUADRO DE J. R. CHRISTINO DA SILVA.

Publicamos hoje na nossa primeira pagina mais um quadro *Vinho Novo* dos que figuraram na exposição do *Grupo do Leão*.

É um quadro do sr. Christino, collaborador artistico do OCCIDENTE que, filho de um pintor distincto que a morte roubou á arte prematuramente, honra sobre modo a memoria de seu pae, cultivando gloriosamente a arte, quer com a paleta, quer com o lapis ou o buril.

O quadro de que tratamos é um quadro verdadeiramente portuguez, reproduzindo com boa observação e estudo uma scena da vida rural, e d'essa grande industria agricola que constitue a maior riqueza do nosso paiz.

Lá está o lagar onde se fabricou o precioso vinho, que o vinicultor está vendo no copo, collocado contra a claridade, para avaliar pela côr transparente, a pureza do seu producto.

Os accessorios estão bem dispostos e compõem bem o quadro, que é um dos melhores que este artista tem produzido.

Este quadro foi adquirido pelo sr. João Carlos de Azevedo nos primeiros dias de exposição.

JUBILEU DE LEÃO XIII

A BASILICA DE S. PEDRO EM ROMA

Seriam precisas muitas paginas e uma prosa brilhante para descrever e apreciar as bellezas d'essa maravilhosa construcção, conhecida em todo o mundo pela basilica de S. Pedro, de Roma.

Aquella monumental construcção, começada no pontificado de Julio II, encerra todos os primores da architectura da renascença; é a obra mais perfeita que se tem produzido n'este estylo de architectura, um modelo cuja grandeza, cujas bellezas nos deteem a cada passo para admirarmos tão harmonica e formosa fabrica, que immortalisou os nomes dos seus auctores, que os teve mais de um, pois Maderna delineou a fachada principal, Miguel Angelo Buonarotte a cupula collosal, que Giacomo Della Porta concluiu, Bernini o altar-mór, e tantos outros artistas notaveis que collaboraram em tão grandiosa obra, como adiante veremos.

A basilica de S. Pedro, o primeiro templo da christandade, está em frente de uma grande

praça, decorada com duas fontes monumentaes aos lados, tendo ao centro o famoso obelisco de Heliopolis, trazido do circo de *Spino* para Roma no tempo de Caligula. Este obelisco fora derrubado, não se sabe em que época e por ordem de quem, mas o papa Sixto v, fel-o restaurar pelo architecto Dominico Fontana, e collocal-o sobre o seu antigo pedestal, ao centro da praça de S. Pedro. Este obelisco mede 26 metros de altura por 10 de circumferencia.

As fontes monumentaes foram construidas por Bernini e lançam um jacto d'agua de sete metros de altura. São uma verdadeira belleza.

A columnata da praça, a qual consta de quatro fileiras de columnas collossaes, é obra do mesmo architecto das fontes.

As columnas são 284, de 20 metros de altura, correndo sobre ellas uma balaustrada decorada com estatuas de mais de tres metros de altura, executadas sob a direcção de Bernini.

A praça tem a extenção de 240 metros de comprimento por 191 de largura, e communica com a basilica por meio de outra praça mais pequena que mede 118 metros por 96, sendo mais larga em frente do templo e mais estreita para o lado da columnata.

Dá accesso para a basilica uma escadaria devidida em tres grandes lanços, nos extremos da qual se erguem as grandes estatuas de S. Pedro e de S. Paulo, a primeira, obra de De Fabris e a segunda de Tadolini, alli mandadas collocar pelo papa Pio ix.

A fachada principal tem 120 metros de largura e 49 de altura, sustentada por oito gigantescas columnas corinthias. Cinco largas portas dão ingresso para o atrio principal que tem 15 metros de fundo por 143 de largura. N'este atrio existe uma reproducção do celebre mosaico desenhado por Giotto e que representa a barca de S. Pedro combatida pelas ondas da heresia.

A soberba cupula principal eleva-se á altura de 139 metros com um diametro de 42m,20, e está apoiada sobre arcos collossaes e pilares. No frizo superior lê-se esta inscripção latina: *Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam, et tibi dabo claves regni cœlorum.*

Esta immensa cupula é como o docel magnifico da *Confesion de San Pedro*, onde se venera a metade dos corpos de S. Pedro e de S. Paulo, cuja outra metade existe na basilica de S. Paulo e as cabeças em S. João de Latrão, onde estão acesas constantemente 142 lampadas; decorou-a Maderna, no pontificado de Paulo v, e na cripta está sepultado o papa Pio vi, cuja estatua, de tamanho natural, é obra de Canova.

Sobre a *Confesion de San Pedro*, eleva-se o altar-mór sob um baldaquino feito em 1633 pelo architecto Bernini. Este baldaquino é de bronze dourado a fogo, sustentado por quatro columnas salomonicas da ordem composita e tem de altura 28 metros. Esta alli ao fundo do abcide a *Catedra de San Pedro*, monumento de bronze dourado que encerra a cadeira de madeira, usada, segundo a crença, por S. Pedro e seus immediatos successores; sustentam-n'a quatro estatuas de Bernini, representando os quatro doutores da egreja do Occidente e do Oriente, S. Ambrozio e S. Agustinho, S. Atanazio e S. João Chrysostomo. Aos lados veem-se os sepulcros de Paulo iii, obra de Guilherme Della Porta, e o de Urbano viii, esculpido por Bernini.

As capellas principaes da basilica contem ricas e fieis copias em mosaico das pinturas religiosas mais celebres, e sepulchros de muitos soberanos pontifices. No altar de S. Leão o Grande, ha um baixo relevo que commemora a retirada de Atila, e o sepulchro de Alexandré vii; na capella Clementina acha-se a sepultura de Pio vii, construida por Thorwaldsen a expensas do cardeal Gonsalvi, e proximo do côro, debaixo da arcada, o tumulo de Innocencio viii feito por Pollajuolo; na capella da *Pietá*, assim chamada pelo soberbo grupo em marmore, obra que executou Miguel Angelo aos vinte e quatro annos de idade, e que representa a Virgem tendo sobre os joelhos o cadaver de seu Divino Filho, estão os tumulos de Probo Anicio, prefeito de Roma, de Leão xii obra de Fabris, e de Christina da Suecia, obra de Fontana; na capella de S. Sebastião, está o tumulo de Innocencio xii, feito por Filippino Della Valle, e o da famosa condessa Mathilde, fallecida em 1115.

Muitas outras sepulturas notaveis encerra a basilica de S. Pedro que são outras tantas obras d'arte, em que figuram os mais celebres artistas italianos.

Por toda a parte se veem baixos relevos, quadros a oleo, frescos, estatuas, mosaicos, tudo obras primorosas executadas pelos melhores artistas d'esde Buonarotti até Canovas.

A basilica finalmente é coroada por dez cuplas alem da cupla principal.

Foi n'este magestoso templo, como não ha outro no mundo, que se celebraram as grandes festas do jubileu de Leão xiii, que chamaram a Roma gente de todos os paizes catholicos, e que encheram aquelle descommunal templo, no dia da missa celebrada por Leão xiii, no primeiro de janeiro d'este anno.

No numero seguinte daremos uma vista do interior da basilica de S. Pedro, na occasião da missa do jubileu.

CASA ONDE NASCEU LEÃO XIII NA VILLA DE CARPINETO

A villa de Carpineto é uma povoação de 5:000 habitantes, situada no centro dos montes Lepinos, derivação dos Volscos, proxima da altura denominada Caprea.

Pertenceu esta villa aos antigos Estados Pontificios e faz parte da diocese de Anagni.

Foi n'esta povoação que nasceu Leão xiii, no vetusto palacio em que residiam seus paes, os Condes de Pecci, desde que esta familia para alli emigrou de Siena durante o pontificado de Clemente xii, e em consequencia da guerra entre a republica sienense e os florentinos.

N'um modesto quarto d'aquella casa, nasceu o actual Pontifice, em 2 de março de 1810, filho dos condes Domingos Luiz Pecci e Anna de Pecci Prosperi-Buzzi, sendo baptisado na egreja da Annunciação, de Carpineto, por monsenhor João José Fossi, bispo de Anagni, que lhe poz os nomes de Joaquim Vicente Raphael e Luiz.

A diocese de Anagni é a que, depois de Roma, mais papas tem dado á egreja. Em Frosinone, nasceram S. Hormirdas e S. Silverio, pontifices do seculo vi; em Segni, S. Vitaliano que floresceu nos annos de 657 a 672; na cidade de Anagni, Innocencio iii, Grogorio ix, Alexandre iv e Bonifacio viii; em Carpineto, Leão xiii.

GRÃO-VASCO

Tem-se ultimamente levantado, em Vizeu, uma corrente de opinião em favor do establecimento n'aquella cidade, de uma galeria apropriada para n'ella se guardarem convinientemente os quadros de Grão Vasco, que existem na Sé de Vizeu e outros edificios da mesma cidade, em condições pouco favoraveis a sua conservação, e a proposito d'esta idéa alguns cavalheiros tem publicado diversos artigos na imprensa de Vizeu, manifestando a sua opinião sobre o assumpto e fazendo algumas revelações curiosas sobre o notavel pintor portuguez, a respeito da existencia do qual tanto se tem encontrado as opiniões.

Entre esses artigos depara-se-nos um extremamente curioso e que deve merecer credito, por ser o resultado de investigações conscienciosas feitas, pelo reverendo padre José d'Oliveira Berrardo, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e conego da Sé Cathedral de Vizeu.

O resultado d'essas investigações deu origem ao reverendo Berardo escrever, em 1847 um opusculo com o titulo *Noticia sobre a vida do pintor Grão Vasco, de Vizeu, que se segue ao epitome eclesia visonenses*, que conservou inedito e que appareceu agora publicado no *Viriato*, e do qual, com a devida venia, o transcrevemos, como um documento interessante para a historia da arte em Portugal. Este documento foi facultado pelo sr. abbade de Miragaya, para d'este tirar uma copia o sr. Nicolau de Mendonça.

«Tantas e tão encontradas teem sido as opiniões sobre a existencia e obras do celebre pintor Grão-Vasco, que muitas pessoas não sabendo onde assentar um juizo firme o reputaram um mytho; isto é, uma personagem fabulosa, ideada para auctor do extenso numero de pinturas do mesmo cunho que Portugal possue, attendendo tambem aos nomes e appelidos de *Vasco* com que alguns bons artistas se nomearam na peninsula hispanica.

Nenhum dos contemporaneos de Grão-Vasco fizera menção d'um pintor de tão alta reputação; do que não nos devemos admirar, considerando que o mesmo Camões ficara esquecido de Ferreira de Sá e Miranda; porque a emulação é muitas vezes o apanagio dos varões celebres. Varios auctores de Memorias, taes como Taborda e Cyrillo, affirmaram que Vasco possuia um moinho perto de Vizeu, e que n'esta cidade era pintor cerca do anno de 1480. Aquelle attribue-lhe a patente de illuminador concedida por Affonso v, em 1455.

Um manuscripto authentico de 1633 o denomina Vasco Fernandes e lhe attribue o quadro do *Calvario* em Vizeu. Um chronista regular dá-lhe o nome de *insigne* pintor d'esta cidade e dos logares visinhos. Ainda em 1844, depois de muitas investigações, se acreditou reconhecer em Grão-Vasco um senhor da Côrte de D. João iii que se chamava Vasco Fernandes do Casal. Finalmente uma noticia curiosa escripta em 3 de maio do mesmo anno veio resolver o problema tão controverso da verdadeira época da existencia d'este celebre artista, ainda que deixa infelizmente na obscuridade os promenores da sua vida, o tempo do seu obito, e a genumidade d'alguns de seus paineis. Entretanto as tradições da patria, as conjecturas rasoaveis, e o conhecimento dos curiosos amadores podem supprir esta lacuna.

Vasco Fernandes, hoje conhecido pelo nome de Grão-Vasco, nasceu na cidade de Vizeu onde foi baptisado em 18 de setembro de 1552. Seu pae, Francisco Fernandes era pintor, e sua mãe chamava-se Maria Henriques. Teve quatro padrinhos de baptismo, dois varões e duas femeas: o que não deve motivar duvida, sabendo-se da disciplina ecclesiastica antes do concilio de Trento.

Da sua educação e vida privada sómente sabemos o que as tradições vulgares (ordinariamente inexactas e exaggeradas) nos quizeram conservar. Fazem-n'o viajar com a protecção dos grandes pela Italia, e que n'esta discursão, entrando em casa d'um pintor em traje de pobre, pedira ser empregado no exercicio d'aquella profissão. A apparencia da sua miseria, causando desprezo, excitou comtudo a compaixão do mestre, que o empregou em moer tintas. Porém, saindo d'ali todos á hora do jantar, o nosso Vasco aproveitou o ensejo pintando um insecto na face d'uma figura e um fio de teia d'aranha n'outra, com tal arte, que na volta todos se esforçaram de sacudir muitas vezes com um lenço estes objectos impuros, antes de cahirem no logro. N'este tempo Vasco, tendo-se deslisado, vingue do desprezo recebido, todos exclamaram: «Só podéra aquillo ser obra do *Grão-Vasco*.» Outra tradicção o faz possuidor de seu genio prematuro desde a infancia, pintando na porta do moinho um jumento carregado de saccos de farinha, a ponto que o pae, voltando ao anoitecer, se illudira esforçando-se de o conduzir d'ali.

Estes e quejandos contos absurdos, se ficam áquem da verdade, provam com tudo a muita reputação popular, que tem gozado entre os seus conterraneos.

Hoje sabemos que o pae de Vasco Fernandes era tambem pintor, e proventura este seu filho nunca sahiu dos suburbios que o viram nascer. O sr. conde de Raczynski conjectura com graves fundamentos (e nós somos presentemente d'este parecer) que Vasco, conservando o estylo gothico da pintura, n'uma época em que Gomes, Campillo e Vanegas tinham já introduzido em Portugal o estylo italiano da época classica, ficou estacionario n'este movimento artistico; e n'esta hypothese os seus modelos não seriam mais do que as gravuras allemãs e flamengas, que nos reinados de D. Manoel e D. João iii, affluiam de um modo quasi exclusivo n'este reino. Seja porém o que fôr, hoje não poderemos ter outros esclarecimentos ácerca de Vasco Fernandes. Tambem do seu obito nada se tem alcançado, apesar de se compulsarem com trabalho e miudeza os livros da camara ecclesiastica de Vizeu.

Aqui, tão sómente descreveremos os quadros existentes em Vizeu, que irrecusavelmente são obra do nosso pintor, e n'este numero tambem alguns dos duvidosos. Formaremos tres divisões: 1.ª os da Cathedral—2.ª dos particulares—3.ª da sala do Cabido.

QUADROS DA CATHEDRAL

O primeiro e mais consideravel d'estes quadros na riqueza d'invenção é o *Calvario*, que está collocado na Capella denominada de *Jesus* no claustro da Sé. Terá 15 palmos quadrados. Ali se vê Jesus Christo crucificado entre os dois ladrões. As attitudes e phisionomias são caracterisadas admiravelmente: o Bom Ladrão volta-se para Jesus, mostrando signaes de arrependimento; o mau ladrão desvia um semblante, onde se divisa a phisionomia d'um malfeitor. Muito perto vemos S. Longuinho, a quem uma tradição faz recuperar a vista pelo sangue do Redemptor. Do lado opposto está o Centurião arrepen-

A BASILICA DE S. PEDRO, EM ROMA

dido. Mais abaixo a Santa Virgem cahe desfallecida nos braços das santas mulheres, e parece que nos está repetindo: *Oh vos omnes qui transitis per viam, attendite, et vedete si est dolor sicut dolor meus!* Muitos grupos de soldados bebem e divertem-se, lançando sortes sobre a tunica do Senhor. Lá ao longe se distingue Judas suspenso da arvore maldita, porque vendera o sangue do Justo, etc. Finalmente, na *Predella* observam se tres pequenos quadros representando algumas passagens da Paixão de Jesus Christo.

Na sachristia da Cathedral existem quatro grandes quadros de 10 palmos quadrados, e 12 pequenos de 4 palmos representando meias figuras.

O primeiro d'entre os maiores que attrahe a attenção dos conhecedores, é o famoso *S. Pedro*, sentado na Cadeira Pontificia, e ornado das vestes sacerdotaes que os Papas, seus successores, teem usado muitos seculos depois. Perdôa-se-lhe este anachronismo, e admira-se a architectura, ornato e mais pormenores d'este grande painel, que passa por ser a obra prima de Grão-Vasco.

O segundo representa o *Baptismo de Jesus* no rio Jordão. Emquanto ao longe se divisam varios grupos de pessoas, dois Anjos proximos á margem guardam os vestidos do Salvador. O thema d'este painel é a passagem de S. Matheus no Cap. 3.º: *Et ecce vox de coelis dicens: Hic est filius meus dilectus, in quo mihi complacui.*

O terceiro quadro é reputado pelos conhecedores como o segundo em merecimento depois do famoso *S. Pedro*. Representa o *Pentecostes*. O author tomou por thema o 23, Cap. 2.º dos Actos dos Apostollos: *Et factus est repente de coelo sonus tamquam advenientis. Spiritûs vehementis, et replevit totum domum ubi erant sedentes*, etc. O desenvolvimento d'este pensamento é admiravel pelas differentes attitudes de cada um dos Apostollos, que se achavam reunidos no Cenaculo com a Santa Virgem.

O quarto painel, que representa *S. Sebastião* martyrisado, está algum tanto damnificado. O seu intuito principal é o momento em que o Santo alcançava a palma do martyrio. Ainda bem um soldado não tem acabado de o atar ao poste, já os algozes lhe despedem as setas. Divisam-se ao longe os conciliabulos dos seus juizes e perseguidores, emquanto um Anjo vôa, offertando-lhe a palma.

Resta-me fallar dos doze pequenos quadros, que hoje são decididamente reputados do mesmo author. O 1.º representa Santa Catharina encostada ao instrumento do seu martyrio. O 2.º é um Santo desconhecido com uma especie de sceptro na mão. O 3.º Santa Luzia. O 4.º S. Braz, Bispo, lendo n'um livro, e quasi que tocando o queixo. O 5.º póde ser, com muita probalidade, Santo Amaro. Abbade, O 6.º S. Paconio, Eremita, sustentando um rosario, etc. O 7.º Nossa Senhora da Conceição. O 8.º dois Apostollos na prisão sustentando os instrumentos do martyrio. O 9.º o Apostolo S. Simão lendo n'um livro com bastante expressão. O 10 S. Jeronymo no deserto ferindo o peito com uma pedra. O 11.º a entrevista de Santo André e S. João. Estes dois quadros são d'uma rara expressão. O 12 o Apostolo S. Filippe e o Ennucho da rainha Candace. O thema d'este pequeno quadro é o verso 30. Cap. 8.º dos Actos dos Apostollos: *Acurrens autom Philippus, audivit eum legentem Isaiam Prophetam*, etc.

Quadros particulares

Na casa de Fontello, residencia dos srs. Bispos, existem dois grandes quadros de Vasco Fernandes. O 1.º representa a Jesus Christo em casa de Martha. O pintor entendeu que devia lançar algum fausto n'esta hospedagem, já pela architectura corinthia, e já nas pessoas que serviam. No momento em que Martha, impaciente, se queixa a Jesus do descuido de sua irmã, que a escuta, sentado, parece que o Senhor lhe responde aquellas notaveis palavras do Evangelho de S. Lucas: *Martha, Martha, solicita est. et turbata ergo plurima*, etc. *Maria optimam partem elegit.* etc. O sr. conde de Raczynski não quiz reconhecer n'este quadro uma das producções de Vasco, mas é innegavel que, se elle quizesse ser mais attento e examinador imparcial, havia de concordar com todos os conhecedores da arte. Em razão d'este seu preconceito não lhe foi mostrado o 2.º quadro representando a *Cêa do Senhor*, algum tanto deteriorado, porém d'uma invenção singular, assim nos caracteres, trajes e attitudes, como nos varios grupos allusivos á Paixão do Salvador.

Na Capella da casa dos Campos de Guimarães, suburbios de Vizeu, existe um quadro de 4 palmos quadrados, representando o *Enterro de Jesus Christo*. Contém 12 figuras exprimindo diversas sensações de dôr e recolhimento. As Santas Mulheres choram tomando cuidado do Corpo do Senhor, em quanto do outro lado os discipulos sentem uma grande compuncção. Entretanto que todas estas personagens se propõem depositar na sepultura o macerado Corpo do Salvador, lá se divisa ao longe a cidade de Jerusalem.

Na sacristia da Misericordia de Vizeu existem 3 quadros, que são reputados autenticos, isto é, do pintor Vasco O 1.º representa a *Morte da Santa Virgem*. Vê-se a Mãe de Deus agonisante e alguns dos Apostolos administrando-lhe soccorros. O 2.º repsesenta o *Assassino dos Innocentes*. As mães banhadas em lagrimas procuram arrancar os filhos das mãos dos soldados, que os passam ao fio da espada. O 3.º representa muitas pessoas nuas conduzidas por soldados ao alto d'uma montanha d'onde são precipitadas. Eu ignoro o objecto historico d'este quadro.

Quadros da sala do Cabido

Passo a descrever estes quadros em numero de 14, e os dividirei em duas classes: sete pertencentes á Adolescencia do Senhar, e outros sete desde a sua Paixão até o Petencostes.

Quadros da Adolescencia

1.º *A Annunciação*. O pintor tomou por texto estas palavras do Evangelho: *Et ingressus Angelus ad eam dixit: Ave Maria gratia plena: Dominus tecum: Benedicta tu in mulieribus.* etc. O Anjo vem annunciar á Virgem a grande nova, que é recebida com todo o recolhimento. Vê-se no cimo do quadro o symbolo do Espirito Santo rodeado de luz.

2.º *A Visitação*. Maria entrando em casa de Zacharies saúda Izabel, que parece responder-lhe: *Benedicta tu inter mulieribus, et benedictus fructus ventris tui.*

3.º *A Natividade*. N'um humilde aprisco de Belem, vemos a Virgem adorar o Menino depois de o ter posto no berço: *Et panis eum involvit, et reclinavit eum in praesepio.* Os Anjos rodeiam o grupo principal.

4.º *A Circumcisão. Et postquam consummati sant dies octo ut circumcideretur puer.* Este quadro encerra cinco figuras d'um grande merito. O Menino é apresentado ao Sacerdote que satisfaz as funcções do seu ministerio.

5.º *Adoração dos Magos.* Eis aqui o thema: *Et intrantes domum invenerunt puerum cum Maria Matre ejus, et procidentes adoraverunt eum; et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus et myrrham.* Aqui não existe anachronismo, antes observa-se n'este quadro com que justeza os vestidos são appropriados ás differentes personagens, e a exactidão do pintor reproduzindo os costumes das tres partes do mundo conhecidas n'aquella epoca.

6.º *Apresentação. Et ut darent hostiam secundum quod dictum est in lege Domini, par túrturum, aut duos pullos columbarum.* O Sacerdote recebe o Menino no meio da multidão, um outro lê um papel. e as mulheres apresentam suas offertas. Já ali se observa o justo Simeão que logo deve exclamar: *Nunc dimittis servum tuum Domine secundum verbum tuum in pace etc.*

7.º *Fugida para o Egypto.* Vê-se n'uma paisagem a Virgem sentada n'uma jumenta, tendo o Menino Jesus em seus braços. Um Anjo vestido de branco lhe serve de guia, emquanto José apparece voltado para uma arvore, cujos fructos toma para os apresentar á Virgem.

Quadros da Paixão

1.º *A Cêa.* Em humilde e rustica habitação toma Jesus Christo a ultima refeição com os seus discipulos. O thema do quadro refere-se ás palavras de Judas e á resposta do Salvador: *Numquid ego sum Rabbi? Ait illi:Tu dixisti.* Tal é a expressão dos Apostolos, que o espectador instruido póde indical-os a todos pelos seus nomes. A Cêa do Leonardo de Vinci apresenta maior luxo em grande dimensão, porém esta é mais appropriada á historia do Novo Testamento.

2.º *Christo no Jardim das Oliveiras.* Os tres discipulos dormem, e Jesus sobre um plano mais elevado exprime toda a afflicção humana Um anjo vem consolal-o. As palavras seguintes do Evangelho deram o thema d'este quadro: *Pater, si vis transfer calicem istum a me, etc.*

3.º *A Prizão.* Os soldados rodeiam a Jesus conforme o texto: *Tamquam ad latronem existis cum gladiis et lignis comprehendere me. Ut ergo dixit eis: Ego sum abierunt retrorsum, et cecide runt in terram.* Vemos alguns soldados levantando-se; e Pedro que desembainha a espada

4.º *Descimento da Cruz.* As Santas mulheres consternadas, e em diversas attitudes assistem ao acto, que executam Jose de Arimatêa, e outros discipulos descendo da Cruz com cuidado, e precaução o Corpo precioso do Salvador.

5.º *A Resurreição.* Eis aqui o thema do quadro tirado do Evangelho: *Pro timore autem ejus exterriti sunt custodes, et facti sunt velut mortuit.* Os soldados cahem atterrados e o Salvador triumphante sahe do Sepulcro.

6.º *A Ascenção.* Jesus Christo rodeado de luz, eleva-se do monte das Oliveiras emquanto os discipulos em diversas attitudes, uns juntam as mãos, e outros as elevam para o Céo. A Santa Virgem, e uma outra mulher estão entre elles.

7.º *O Pentecostes.* A invenção d'este quadro pouco differe do outro grande, que apontamos a paginas 7 d'este caderno. Os discipulos estão mais unidos em rasão da pouca emplitude. A Virgem no meio d'elles levanta as mãos para o Céo.

O sr. conde de Raczynski assegura que estes quadros são excellentes, mas sem o caracter de grandeza das obras de Vasco. «A sua apparencia, diz elle, é mais gothica, os vestidos menos largos, e o toque menos facil.»

Nós accrescentaremos tambem que se lhes encontram alguns erros no desenho, e não ousaremos dicidir a legitimidade de seu auctor.»

Ribafeita — 1847.

A. J. de O. Berardo.

NA SERRA

(FRAGMENTO)

A Telvina e o Pitinho iam andando, sem rumo sabido, atraz das rezes que pastavam ás soltas, pacificamente. Davam-se irmãmente um com o outro; e, todas as vezes que se encontravam, percorriam os montes de sucia, bons camaradas encarregados d'igual tarefa; tanto, que as ovelhas da rapariga, embora ao principio se tivessem mostrado arredias, com o vêzo acabaram por misturar-se, confiantemente, com os chibos do rebanho guardado pelo moço do Flandóra. Pelo seu aspecto lanzudo de bestas d'industria, objectos viventes d'utilidade rendosa, as mansas ovelhas bem tratadas, leiteiras e parideiras, contrastavam pacatamente com os inquietos bodes, armados de longos cornos trabalhados como se fossem de cartão, pelludos e barbudos, malcheirosos animalejos d'um feitio exotico, que suggere e evoca reminiscencias de lendas populares, recheiadas de aventuras diabolicas; e no meio dos tremelicados balidos que de vez em quando se cruzavam, só o chibo-mór, guia intelligente e grave da suja manada, tintinnulava o seu chocalho, somnolento.

Se alguma rez se desgarrava, o cão, passeando sempre de sentinella, ladrava n'um alarme; e o pastor chamava-a com um longo assobio, ou, descontente, acudia devagar, gritando:

— Eh! catinga! Toma pr'aqui, eh! Espera, que te racho os cornos, diab'alma!

A rapariga atiçava:

— Curre lá, curre!

E rufava no seu tambor metallico, como se batesse um convencionado toque de reunir, invariavelmente obedecido.

Nos visos baldios, deseguaes pedaços de natureza virgem, livres ainda do arado devassador, e arranhados apenas por alguma estreita vereda ziguezagueante, raramente soupinhada por caminheiros peões, o pedregoso terreno inculto, desembaraçado dos pinheiros bravos que pouco a pouco vão enflorestando todas as eminencias estereis, revestia-se de hervagens ruças, d'uma apparencia fulva de pelle de leôa, ao perto; emquanto que, nos cumes distantes, vermelhava n'uma macia côr de tijolo. A variegada floração de setembro, outoniça e saudosa, alcatifava tafulamente a atormentada e nua paizagem, salpicando-a de ramilhetes coloridos. Eram, por entre as espessas rendas verdes dos feitos, os tufos dourados e asperos dos cardos, que lembram gyrasóes rachiticos; e as timidas corollas azues dos poéjos; e os cachos de botões miudos do tójo, d'um amarello tenro; e as coralinas contas dos giestêlos, com que o demonio costuma enfieirar os seus falsos rosarios de feiticeiro noctambulo;

e as abundantes espigas rôxas da torga; e as alvas candeinhas, que parecem pequeninos frócos de neve suspensos na ponta fina das hervas; e as pétalas redondas das estêvas, brancas e como tocadas d'uma dedada de mel; e tambem uma exquisita florinha, côr d'açucena e de violeta, uma flôr montesinha que ficaria bem nas doces mãos alongadas das virgens, nas ingenuas pinturas dos primitivos, e que rebenta do chão em hastes velludineas de lyrio rudimentar, assignalando os vestigios das passadas de Nossa Senhora quando, levemente, desce a laurear pela terra os seus ocios sagrados. E toda esta dispersa efflorescencia decorativa, desabrochando risonhamente no solo selvagem, acastellado de pedreiras, tinha uma delicadeza encantadora.

A Telvina entreteve-se a compôr um ramo florido, e depois de o atar cuidadosamente com um vencilho delgadinho de giesta, offereceu-o ao seu companheiro:

— Pega lá. Dou-t'o eu.

Mas o rapaz, importando-se pouco com a linda prenda, que com a sua instinctiva graça feminina a outra lhe arranjou:

— P'ra que quero eu isso? perguntou rudemente.

Então ella, pondo-se nas pontas dos pés, agarrou-lhe o cebento chapeu d'abas desapparelhadas, e entalou-lhe o ramo n'um barbante, substituto da fita cahida, á moda d'uma altiva pluma farfalhuda, que logo proporcionou airosamente ao pastor farrapão um divertido quê de petulancia.

Em frente d'elles, na verdeante encosta d'além, um campanario bicudo branquejava por cima d'um souto viçoso, na visinhança d'uma queda d'agua encascatada, que desabava espumantemente sem bulha, na distancia. Quando o sino, atravez do valle, bateu o meio-dia, em bronzeas pancadas tão cheias e claras, que se supporia festejarem a plenitude da luz, os pegureiros foram-se aos seus jantares, sem demora, correndo para a sombra d'um pinheiro manso, que se erguia esbeltamente ao centro d'uma acanhada chan, solitario e pujante, semelhante a um gigantesco tortulho desenvolvido ás soalheiras, com o seu rotundo tronco elegantemente alçado n'um jacto, e a sua transparente copa em guardasol tracejada no ambiente, como um tenue e verdenegro bordado d'aranha.

Sob o murmurio das franças agulhosas, em que zoava docemente a serena canção do vento, os dois saborearam o seu repasto frugal, sentados no musgo lenhoso d'um fôfo tapete de tormentêllo. Do seu farnel o Pitinho tirou um canto de brôa e a porção de maçãs camoezas, que trazia para se governar durante o dia; emquanto que a filha do Rêpas atordoou-o d'admiração e d'uma inconfessada inveja, apresentando a rica pitança de meia duzia de sardinhas assadas, postas em môlho sobre um naco massiço de pão, e que rescendiam um cheiro tantalisante, furiosamente aperitivo. Elle, babado de desejo, propôz trocas interesseiramente, dando maçãs por sardinhas; a rapariga, gulosa de fructa, acceitou; e ambos entraram a brincar com o cão famelico e ganidor, obrigando-o a arriscar pulos desastrados de pobre funambulo quadrupede para alcançar os restos das espinhas, contentes e crueis, gargalhando risadas sem fim. Quando acabaram de comer, o pastor ficou-se um pedaço a considerar a surrenta cara córada e o robusto corpo da Telvina; e de repente:

— Quantos annos tens tu?

— Inda hei de fazer onze, pelas castanhas.

Pois elle não sabia a sua idade, ainda que quizesse declaral-a. E com vagar, penosamente, como quem revolve e desabafa confusas dôres concentradas, deixou-se ir dizendo que não conhecia familia, nem jámais pessoa alguma o acariciára. Vivia, desde que tinha entendimento, em casa do Flandóra cortador, que ás vezes, quando se arrenegava, lhe chamava — engeitado ou zôrro, e não se recordava de ter ouvido alguem tratal-o por qualquer um nome christão; era o Pitinho, para todos. Por um espirro, por um ai, o amo melava-o com pancadaria bruta; e fartava-se de levar má vida, mal alimentado e mal vestido, gastando as suas noutes a dormir e os seus dias a guardar gado, — ora pelos despovoados barrocaes da borda do rio, ora pelos algares aridos dos montes. A força de ser aggredido e injuriado pelos donos dos campos, queixosos de pequenos estragos causados pelas rezes, sem culpa d'elle, já não andava descansado senão por sitios onde não encontrasse gente; e preferia os maninhos, mesmo, porque folgava e cantava, á larga, por lá, não sonhando sequer com os temidos lobos, e vendo sómente passar um ou outro caçador, que espantava os echos com os seus tiros estrondeantes, emquanto a canzoada ladrava, encarniçada na pista.

Escutando-o attentamente, a pastora comprehendia agora com pezar a figura doentia e enfézada d'aquelle rapaz, cujos olhos luzidios, penados de soffrimento, a enterneciam; e aconselhou-lhe á tôa:

— Fóge do Flandóra, abala!

Bô! Fugir, elle? para onde, para que! Prendel-o-iam vergonhosamente, ou morreria talvez de fome por essas terras desconhecidas. Não; aturaria pacientemente os trabalhos para que nascera; ou então, se perdesse o animo antes de chegar a homem, esmagado por alguma angustia intoleravel, tinha a sua tenção feita, — botar-se-ia a afogar. E o Pitinho expunha convictamente, de caso pensado, este plano de futuro duvidoso e amedrontador, um pouco excitado pelo desvanecimento indefinivel de patentear, á commovida companheira, a superioridade da sua coragem máscula perante a morte provavel. Mas sobreveiu-lhe uma curiosidade, e fitando a filha do Rêpas:

— Porque te manda o teu pae tâmem p'ra aqui desgarrada, tanto a eito?

Por sua vez, ella tomou um ar de seriedade compenetrada, e como possuindo a pratica e precoce consciencia do combate ineluctavel da vida, explicou simplesmente que não havia remedio senão ajudar o seu pae, que era caseiro dos Lamaes, e custosamente apurava com que pagar a renda. E se a mãe não negociasse pelas feiras em porcos e bacorinhos, gallinhas e coelhos, e ella não cuidasse das ovelhas, achar-se-iam sempre em casa sem uma sonante peça de dinheiro.

O outro, então, observou:

— Mas tu, ao menos, estás bem medrada!

Monteiro Ramalho.

RESENHA NOTICIOSA

Exposição de Quadros na Camara Municipal. Abriu ao publico, no dia 5 do corrente, na sala nobre dos paços do concelho de Lisboa, a exposição dos quadros que concorreram ao concurso aberto pela Camara Municipal para a execução de um quadro historico representando a *Partida de Vasco da Gama para a descoberta da India*. Foram doze os esbocetos apresentados, sendo onze os artistas concorrentes, a saber: de Lisboa, os srs. J. Vaz, Columbano Bordallo Pinheiro, Rodrigues da Silva, Greno, Condeixa, Barradas, Gameiro, Malhoa e Felix da Costa, que apresentou dois esbocetos; e do Porto, os srs. Costa Lima e Marques Guimarães. E' triste dizer que nenhum dos esbocetos corresponde ao ponto dado, e ainda mais triste é dizer que a maioria d'esses esbocetos nem a arte satisfazem. Este resultado, porém, não devia surprehender, dado o meio restricto em que a arte portugueza vive de ha muito, completamente falta dos recursos, dos elementos com que se educam artistas e se desenvolvem aptidões. Pensar que, no estado de abandono a que a pintura chegou entre nós, se póde, de improviso fazer na tela um quadro historico que corresponda dignamente á magnidade do assumpto, é completo absurdo, sem que d'isso resulte vexame para os artistas, que alias tem bons desejos, mas a quem faltam todos os elementos para a realisação de taes obras, que mesmo nos paizes mais adiantados em arte, ha muito poucos artistas que as façam. Os que simplesmente fizerem critica hilariante dos esbocetos que se vêem na camara municipal, ou são maus ou ignorantes, desconhecedores do meio artistico em que temos vivido e de que só a muita coragem e amor pela arte de alguns artistas, tem conseguido reanimar um pouco a desalentada arte portugueza. Estamos certos que se a Camara em vez de impor um determinado assumpto, tivesse deixado livre a composição de um quadro historico, o concurso teria dado um resultado mais satisfatorio, porque cada artista faria o que melhor tivesse estudado d'entro dos recursos de que dispunha, e principiando por uma composição menos ambiciosa, sem a preoccupação de corresponder a um assumpto obrigado, melhor poderia produzir, em harmonia com a sua indole, com a sua inspiração. E' assim e só assim que poderemos chegar a algum resultado, n'um paiz onde não ha ainda pintores historicos, e onde é mister creal-os. Dissemos que nenhum dos esbocetos corresponde ao ponto dado, entretanto não devemos deixar de mencionar o esboceto do sr. Malhôa, que tem qualidades apreciaveis que não são para despresar. Poderá o esboceto não ter toda a grandeza do assumpto, e não corresponder cabalmente á idéa que d'elle devemos formar, mas a sua obra está perfeitamente á altura da critica, e a arte não tem que velar os olhos na sua presença. O mesmo diremos do esboceto do sr. Vaz, que, comquanto satisfaça menos ainda ao ponto, que o do sr. Malhôa, é tambem uma obra apreciavel como effeito e que não deslustra os seus creditos de pintor de marinhas. Outro tanto podessemos dizer dos outros esbocetos, alguns dos quaes ficam muito abaixo do que havia, ainda assim, a esperar dos seus auctores.

Morte de D. Bosco. Falleceu na Italia o benemerito D. Bosco, o apostolo da regeneração do homem pelo trabalho, fundador da Sociedade de S. Francisco de Salles, cujo fim é, em especial, o amparo e educação da mocidade pobre e abandonada. N'este campo são extraordinarios os serviços prestados por D. Bosco, um verdadeiro ministro de Christo, com o seu desvelado amor á humanidade e muito principalmente ás creanças. Fundou em differentes terras cento e cincoenta casas de educação regeneradora de creanças desamparadas. A Officina de S. José, estabelecida no Porto, é um exemplo d'essas casas de educação, pois foi fundada pelo rev. Padre Sebastião Leite de Vasconcellos, segundo os regulamentos observados nas casas de educação fundadas por D. Bosco. O virtuoso sacerdote nasceu em Castelnovo d'Asti, na Italia, a 15 de agosto de 1815, e ordenou-se aos 26 annos de idade. Visitando um dia as prisões de Turin, impressionou-se de tal maneira por ver n'ellas algumas creanças e jovens criminosos, que concebeu d'esde logo a idéa de empregar todas as suas forças em remediar este mal. D'ahi nasceram as casas de educação para a mocidade, onde á data da sua morte se tem educado cerca de 100:000 creanças, que tem sido outros tantos individuos arrancados ao vicio e ao crime e moralisados pelo trabalho. Abençoada seja a sua memoria.

Fallecimento. No dia 2 do corrente falleceu em Lisboa o sr. Fernando de Magalhães de Villas-Boas, general de brigada reformado e secretario, que foi, da Escola Polytechnica de Lisboa, logar que desempenhou com a maior distincção. O sr. Fernando de Magalhães era um verdadeiro *gentleman*, muito estimado na alta sociedade. Descendente do grande Fernão de Magalhães, prestou á memoria do seu ante-passado uma alevantada homenagem, traduzindo e ampliando a *Vida de Fernão de Magalhães*, escripta por um distincto escriptor chileno. Esta obra foi publicada pela Academia Real das Sciencias, e contem curiosos documentos a respeito do notavel navegador, que o original não mencionava.

Museu Industrial e Commercial do Porto. Abriu no dia 1 do corrente a segunda exposição do Museu Industrial e Commercial do Porto. A primeira foi aberta no dia 1 de janeiro. Na primeira exposição comprehendem-se modelos, tratados proficionaes e historicos relativos a trabalhos em metal; a segunda exposição é a segunda parte da primeira. E grande a utilidade que as artes nacionaes devem tirar d'estas exposições, onde lhe são facultados modelos de todos os estylos, e onde além dos modelos, os artistas podem consultar os tratados especiaes a respeito de cada ramo que queiram estudar. O sr. Joaquim de Vasconcellos, conservador do museu, tem sido incansavel na boa organisação do mesmo, procurando por todos os modos tornar a idea que presidiu á sua creação, o mais pratica possivel.

Alcool nocivo. O governo francez decretou o dar um premio de nove contos de reis, a quem demonstrar o meio mais facil e seguro de descobrir o alcool nocivo nas bebidas alcoolicas. Hoje que se produzem alcools de differentes substancias, algumas nocivas á saude, é da maior importancia o conhecer os alcools nocivos, que o pouco escrupulo dos fabricantes de bebidas alcoolicas, possam empregar.

Exposição de Loiça das Caldas, no Porto. Inaugurou-se no dia 28 do mez passado, nas salas do Atheneu Commercial do Porto, uma exposição de loiças das Caldas da Rainha da fabrica dirigida por Bordallo Pinheiro. Esta exposição foi mais um triumpho para Raphael Bordallo. O enthusiasmo que ha dois annos produziu em Lisboa a exposição das loiças de Bordallo, repetiu-se agora no Porto, como não podia deixar de ser, porque aquelles productos são uma das manifestações mais brilhantes e utilitarias da arte moderna, no nosso paiz. A exposição tem sido muito concorrida, e Bordallo Pinheiro, que tem assistido a ella, muito victoriado. Grande parte dos objectos expostos tem sido adquiridos pelos numerosos visitantes.

Um principe photographo. Sua Alteza o sr.

Infante D. Affonso é um distincto amador photographico. Tem tirado muitas vistas photographicas de Cintra e dos arredores de Lisboa, com que formou um primoroso album, que offereceu a sua Magestade a Rainha.

Fallecimento. No dia 3 do corrente falleceu em Braga o sr. Fernando Castiço, archeologo e bibliophilo distincto, fundador e redactor do *Constituinte*; era um dos membros mais respeitaveis do partido *Constituinte*.

Congresso Agricola. Deve realisar-se ainda este mez, em Lisboa, a reunião de um congresso agricola em que tomarão parte os seguintes snrs: José de Saldanha d'Oliveira e Souza, duque de Palmella, duque de Loulé, Carlos A. Borges de Souza, J. M. da Silva Guimarães, João Carlos de Azevedo, José Ferreira Roquete, Estevão Antonio d'Oliveira Junior, Carlos Zeferino Pinto Coelho, conde de Bertiandos, visconde de Coruche, José Maria dos Santos, Henrique da Gama Barros, Francisco de Almeida e Brito, José Pereira Palha Branco, Fernando Pedroso, Ricardo Loureiro, João Campello Trigueiros Martel, Victoriano Estrella Braga, João V. Mendes Guerreiro dr. Leonardo Torres e Domingos Pinto Coelho.

Uma conferencia na Universidade de Madrid. O sr. Fernandez Guevara, do Atheneu da Juventude Hispano-Portugueza, realisou ha pouco na Universidade de Madrid, uma conferencia sobre os navegadores portuguezes. Com grande cópia de documentos historicos, o sr. Guevara expoz os feitos mais salientes da historia de Portugal, dizendo que o reinado de D. Manuel, successor de D. João II, se póde chamar a idade de oiro de Portugal, graças ás descobertas, viagens e emprezas heroicas dos seus navegadores. Prepararam-se estas, disse, desde 1345 com a descoberta das Canarias, com a tomada de Ceuta, em 1415, e a fundação de uma escola nautica pelo infante D. Henrique. Desde então marcharam rapidamente as descobertas sob a direcção do mesmo infante (3.º filho de D. João I). Em 1412 é descoberto o cabo Bojador; em 1418, as ilhas do Porto Santo e Madeira; em 1433, as ilhas de Cabo Verde, e em 1471, as de S. Thomé, Fernando Pó e Anno Bom. Seguindo a costa, os navegadores portuguezes passaram em 1484 a linha equinocial, e a idéa de que se podia rodear o continente africano para ir até ás Indias predomina cada vez mais nos seus emprehendimentos. Bartholomeu Dias descobre em 1486 o celebre cabo das Tormentas, seis annos antes de Colombo descobrir o Novo Mundo, e Vasco da Gama dobrou aquelle cabo em 1497, e desde então uma nova era se abre para o mundo. O conferente, que mostrou conhecer perfeitamente a historia de Portugal, foi applaudido com enthusiasmo pelo numerosissimo concurso que assistiu á conferencia despedindo-se todos com um viva a Portugal e á sua independencia.

Direcção dos Balões. O sr. Cypriano Jardim, distincto official do exercito portuguez, tem realisado, em Paris, varias experiencias com um balão dirigivel de sua invenção, experiencias que dizem os noticiarios, tem sido coroadas dos melhores resultados. Folgamos que um nosso compatriota concorra tão largamente para a solução de um problema, que tanto preoccupa a sciencia e que assim honra o nome portuguez no extrangeiro Esperamos mais de espaço occuparmo-nos d'este assumpto tão importante.

Capiteis antigos. Nas demolições que se estão fazendo no convento de Santa Clara, na Guarda, teem-se encontrado alguns capiteis e pedras lavradas, que se consideram de grande valor artistico e que estavam empregadas na construcção da torre denominada mirante das freiras. Suppõe-se que estes capiteis pertenceram á antiga Sé d'aquella cidade, mandada arrazar, no tempo de D. Fernando I. Foram mandadas tirar photographias para serem enviadas aos entendidos a ver se devem ser recolhidas ao museu estas pedras e capiteis.

Descoberta Archeologica. Foi descoberta no Egypto uma curiosa inscripção referente ao rei Tutmosis III que contem mais de quatrocentos nomes geographicos da Arabia, Nubia Armenia e costa do Mediterraneo. Esta inscripção tem 3.500 annos.

JUBILEU DE LEÃO XIII

CASA ONDE NASCEU LEÃO XIII, NA VILLA DE CARPINETO

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, director Fernandes Costa, David Corrazi editor, Lisboa. A *Bibliotheca Universal Antiga e Moderna* é uma nova publicação que o sr. David Corazzi emprehendeu e cuja direcção confiou ao sr. Fernandes Costa, nome já muito conhecido no nosso mundo litterario, onde occupa um logar distincto. Esta nova bibliotheca propõe-se a publicar as melhores obras dos auctores estrangeiros e nacionaes antigos e modernos, em pequenos volumes de cerca de cem paginas, ao preço de 100 reis cada um. D'este modo será facil a sua vulgarisação porque chega a todas as bolsas. O primeiro volume publicado é: *Viagem á Roda do meu quarto* por Xavier de Maistre, versão de Fernandes Costa, e com uma noticia biographica do autor. A versão do sr. Fernandes Costa é primorosa, e o livro de Maistre não é menos primoroso, como todas as obras d'este notavel escriptor francez, que tanto se assimelha a Voltaire no espirito e na philosophia das suas obras.

Novo Secretario Universal *commercial portuguez ou methodo de escrever toda a especie de cartas, seguido de um formulario de requerimentos, memoriaes, cartas de commercio, facturas e contas correntes*, etc. compilado por M. A. S., Joaquim José Bordallo editor, Lisboa, 1888. E' a 16.ª edição d'este livro que vem agora á luz. A sua reconhecida utilidade despensa qualquer recommendação, e por isso só temos em vista noticiar o seu apparecimento que póde interessar a muitos que careçam d'este livro indispensavel e cujo custo é apenas de 600 reis.

Do Empirismo e do Progresso Scientifico em Medicina, *a proposito das conferencias do professor Trousseau* por um racionalista doutor em medicina da faculdade de Paris, traducção livre de Francisco José da Costa, pharmaceutico pela Escola Medica de Lisboa. Um volume de cerca de 200 pag. in 8.º Este livro é de propaganda homœopathica e desenvolve largas considerações sobre o systema de Hahnemann, que hoje vae fazendo bom caminho atravez de toda a opposição que tem levantado. E' um bello livro, muito util para ser lido, porque interessa á humanidade em geral.

Adubos Chimicos e Organicos, *premiados na exposição do Porto com o diploma de merito, resultados obtidos e regras praticas para a sua applicação*, publicado pela Companhia Real da Agricultura Portugueza. Lisboa. E' um folheto de cerca de 100 pag.as, no qual se inserem os mais honrosos attestados a respeito dos adubos que a referida companhia fornece aos agricultores, concluindo pelas indicações praticas sobre o uso dos mesmos adubos.

O Alcacerense, *semanario noticioso e litterario*, proprietarios J. Correia Baptista e A. Latino de Faria, Alcacer do Sal. Com o titulo acima, principiou a publicar-se, em Alcacer do Sal, um semanario de litteratura escropulosamente redigido, que proporciona boa leitura instructiva e amena. Felicitamos os seus proprietarios pela louvavel idea de dotarem aquella villa com uma publicação tão interessante.

A conferencia do sr. Paiva de Andrada *ácerca da recente campanha que poz termo ao dominio do Bonga, na Zambezia, algumas observações* por Alfredo Cesar Brandão, Lisboa, 1888. Um pequeno livro de 116 paginas, em que o seu autor analysa detidamente a conferencia do sr. Paiva de Andrada, discordando d'ella em muitos pontos, concluindo pela publicação de alguns documentos sobre a causa que determinou a invasão dos vatuas.

Typ. Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau 31 — Lisboa